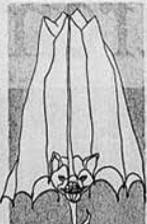


À espera das chuvas de verão

O comércio do guarda-chuva se prepara para o período em que suas vendas aumentam e os estilistas criam seus novos modelos



O morcego que serve para dois

O guarda-chuva duplo em formato de morcego criado por Sonia Lima é formado por dois guarda-chuvas que abrem, simultaneamente, umidando o corpo do morcego confeccionado no mesmo material das cúpulas. Os membros superiores, inferiores e a cauda indicam o sentido das varietas que, acionadas pelo embolo que se despara, o mantém aberto, projetando a figura do morcego que pode servir, tanto pelo lado de cima, quanto pelo lado de baixo. As asas abertas dão abrigo a duas pessoas, enquanto uma delas segura seu único cabo em forma de oco. Sonia recomenda que o guarda-chuva seja confeccionado em seda. Nylon ou similar e que, corpo e resto do morcego, usem o mesmo material, devidamente alinhado a fim de adquirir relevo. Os membros superiores, inferiores e, ainda, a cauda do morcego, serviram para direcionar a vareta do guarda-chuva que, aberto, mostrará todo o corpo do mamífero. E, quando fechado, o esconderá sob suas pregas. A cara do morcego, porém, estará sempre visível, esteja o guarda-chuva aberto ou fechado. (E.O.)



As chuvas de verão, que no Rio de Janeiro convivem com a população a partir de dezembro, já estão causando frisson no comércio do guarda-chuva. Prevendo um crescimento nas vendas, os lojistas lançam mão da criatividade tentando transformar esse objeto anti-estético num produto irresistível. A Carmem Bolsas, por exemplo, está lançando um modelo escolótico com folhas de bananeira e a artista plástica Leslie Caron, no início da semana, um modelo em forma de morcego, capaz de abrigar duas pessoas ao mesmo tempo e que abre e fecha como a asa do repente mamífero. E o chamado modelo carente. Mas antes de chegar às ruas, o guarda-chuva já está no inconsciente da população. Para o *becktiano* Gerald Thomas, que usa e abusa do *esdrúxulo* objeto em todas as suas peças, ele é uma metáfora do ser humano: "Você pode demonstrar todos os ciclos do ser humano com um guarda-chuva: fechado, destropado, aberto, emperrado."

Em sua peça *Sharmplie*, que estreou em fevereiro, no *Cuvillies Theater*, em Munique, Gerald Thomas surpreendeu a platéia substituindo a peça por 30 guarda-chuvas. Como artista plástico, também suscitou à atenção da crítica anti-estética. Uma de suas sete pinturas expostas no MOMA (*Museum of Modern Art*), em Nova Iorque, retrata um guarda-chuva: mede 2,10 m de altura por 1,50 m de largura. Em seu próximo trabalho, *M.O.R.T.E.* (*Movimentos Omissivos Reduzidos para Tanta Estética*), que estreia, dia 9, no Teatro Nelson Rodrigues, o objeto também estará presente nas mãos da atriz Bete Coelho que entra em cena de sombrinha a tiracolo.

Mas não é só Gerald Thomas que se sente atraído pelo encanto fútil desse acessório cujo nome deriva do latim *umbra* (sombra). Muitos pintores se renderam ao carisma desse eterno abre e fecha. *Visita de família* e *Solda da missa*, de Debrat, retratam guarda-chuvas, objeto também presente em uma óctebre gravura de Ruggendas que reproduz as baianas da extinta Festa da Boa Morte, comemorada dia 14 de agosto; baianas que sobem e descem as ladeiras da Bahia equilibrando sombrinhas na cabeça. E Renoir pintou *Os guarda-chuvas* — quadro que está atualmente na National Gallery de Londres — entre os anos de 1882 e 1883. No cinema eles conquistaram o público pelas mãos de belas atrizes: Catherine Deneuve em *Os guarda-chuvas do amor*; Leslie Caron, em *Gigi*; Julie Andrews em *Mary Poppins*; Audrey Hepburn, elegantíssima em uma corrida de cavalos de *My fair lady*. Mas Gene Kelly também *arrasou* com um deles, pendurado num poste em *Cantando na chuva*.

A literatura também foi pródiga no assunto. Nos romances do início do século, o ar romântico das mulheres era invariavelmente associado a modelos adornados com rendas, semelhantes aos que a loja Vesúvio tem, hoje, em sua vitrine: um modelo em crochê amarelo, circundado em renda, ideal para ser usado em estações de água ou por pessoas que querem se proteger do sol após uma plástica. A vendedora jura que a atriz Nathalia Timberg comprou um deles. Mas foi Proust quem os descreveu, com rara sensibilidade, num dos volumes de *A procura do tempo perdido*: "Madame Swann, em seus passeios pelas alamedas do Bois de Boulogne, usava uma sombrinha da mesma nuance do vestido. Fechada, ela era um buquê de violetas de Parma. Aberta, era como um céu bem próximo e como um berço de lincinis que permanecia para sempre na memória."

Até mesmo o sítio mercado financeiro assimilou o guarda-chuva como símbolo. Durante muitos anos o Banco Chase Manhattan usou-o como sinônimo da poupança segura, idéia que foi assimilada há, pelo menos 25 anos, pelo Nacional. Sua gerente de publicidade e promoções, Maria Adelaide Sena, tem uma explicação simples para a escolha: "O guarda-chuva tanto pode ser aquele bagulhão que a gente tem que carregar a tiracolo ou aquele objeto fantástico que aparece na frente da gente quando a coisa está ficando preta." O primeiro ministro inglês Neville Chamberlain — que fracassou ao tentar negociar a paz com Hitler e foi obrigado a declarar guerra à Alemanha — foi outro que soube tirar proveito dessa moda como ninguém: apareceu em todas as fotos com o guarda-chuva pendurado no braço, o que acabou se tornando sua marca registrada.

Depois de pensar algumas horas sobre o assunto, o psicanalista freudiano José Luis Damiano acabou concluindo que o homem está condenado a carregar esse incômodo objeto pela vida afora: "Como o guarda-chuva, o homem é, por natureza, aquele se se atralha, que dá mancadas, que tropeça. Ele não tem objetos naturais adaptados aos seus desejos. Os objetos dos nossos desejos, que podem ser todos e nenhum, levam sempre essa marca da inadequação. É estranho e enigmático."



Um modelo da Carmem Bolsas, que cria estamparias novas a cada ano

Um negócio da estação

O comércio do guarda-chuva oscila com o tempo. De outubro do ano passado até março desse ano, as vendas despencaram por causa da seca. De lá para cá, com o retorno da chuva, os comerciantes triplicaram suas vendas. Na loja Vesúvio — uma das mais antigas da cidade — nunca se vendeu tanto. Seu proprietário, Armando Lauria, está rindo de orelha à orelha. Não é à toa que, para o ano que vem, está pensando em lançar o guarda-chuva duplo que, segundo ele, faz o maior sucesso nos Estados Unidos. Por enquanto, se dedica aos modelos tradicionais, masculinos e femininos, com cabos em couro ou em madeira. Já as mulheres têm mais opções em cores e formas. O mais vendido, tanto para homens quanto para mulheres, é a sombrinha dobrável: "É prática e cabe dentro da bolsa."

Ínciã Santos, vendedora na Luvária Gomes, administrada pelos irmãos Geraldo e José Francisco Sarmento, conta que a casa começou a trabalhar com guarda-chuvas há 25 anos:

"Um negócio estável com direito a algumas oscilações." A loja tem modelos para todas as idades. Para crianças há estamparia de bichinhos; estampados e lisos para senhoras e homens, só na cor preta. Os preços variam de

R\$ 1.200 (crianças) a R\$ 2.200 (adultos masculinos). Na semana passada, lembra Ínciã com alguma excitação, ela vendeu um automático feminino para a produção da novela *Panfada*, da TV Manchete, e dois para senhora, para o ator Otávio Augusto e sua filha Manuela. Já a sofisticada Elle e Lui, acostumada a modelos sóbrios, resolveu ousar mais um pouco para o próximo ano: um modelo inspirado no estilista Hermès com uma faixa *nyl* e branca na borda e o logotipo da casa em gomos intercalados.

Há sete anos a Carmem Bolsas começou a trabalhar com guarda-chuvas. Um caso de paixão de Dona Carmem que, quando viaja, fica enlouquecida com modelos como o do estilista italiano Salvatore Ferragamo. Nesse item ela faz questão de ousar: já fez até uma coleção no estilo africano, desenhada com tigres. Fez o maior sucesso: "Nosso preocupação é que a estampa seja tão chamosa a ponto de despertar a atenção do consumidor. Gosto de ter sempre a sensação que mandei fazer um guarda-chuva para mim." Suas criações passam por diversas fases: ela bola o modelo, manda para a estamparia, depois manda caramelar os cabos e, só depois, ele é armado por um profissional. Apesar do processo elevar o custo, o cliente sai com a certeza de levar um modelo exclusivo com quantidades reduzidas. O sucesso é tanto que alguns clientes já entram na loja e perguntam: "Qual é o guarda-chuva que você tem para esse ano?" (E.O.)

ONDE ENCONTRAR

- Vesúvio — Av. Rio Branco, 133, loja B; Rua da Carioca, 35 e Rua 7 de Setembro, 202. Tel: 222-8401 e 222-6076.
- Luvária Gomes — Rua Barata Ribeiro, 639. Tel: 237-4069.
- Elle e Lui — Avenida Ataulfo de Paiva, 80 A. Tel: 259-0445.
- Carmem Bolsas — Voluntários da Pátria 286, 3º andar, Botafogo (266-3041). Showrooms na Rua Siqueira Campos, 53, sala 301. Lojas: Visconde de Pirajá 351, loja 111; São Conrado Fashion Mall, 2º piso.

Uma história com altos e baixos



Catherine Deneuve foi vendedora no cinema

TENTAR saber a origem do guarda-chuva é como procurar agulha num palheiro. Mas o livro *Panati's extraordinary origins of everyday things*, recém-publicado nos Estados Unidos pela Perennial Library da Harper & Row, tem a explicação. Segundo ele, tudo começou em 1400 A.C. na Mesopotâmia, onde era considerado um emblema de posição social e distinção. Mas foi a deusa celestial egípcia Nut — uma figura representada em desenhos com imensas asas abertas como uma *abóboda celeste* que faziam a figura de um guarda-chuva — que lhe atribuiu uma característica sagrada. Por isso, os primeiros pequenos guarda-chuvas feitos pelo homem eram encarados como representações da deusa Nut em pequena escala. Daí serem usados, normalmente, por membros da nobreza. Sua sombra projetada era considerada sagrada e, pisar nela, era sinal de sacrilégio ou péssima sorte. Os folcloristas dizem que a superstição de que abrir guarda-chuva em casa dá azar surgiu no século 18 quando eles passaram a ser usados normalmente nos dias de chuva. Mas como eram feitos de metal e tinham um mecanismo complicado, abri-los dentro de casa geralmente acabava em algum acidente, como a quebra de um objeto ou machucado em alguma criança. Com isso as pessoas começaram a fazer a associação mais simples: abrir guarda-chuva dentro de casa era sinal de azar.

Os gregos e os romanos adotaram o guarda-chuva egípcio mas achavam que ele era feminino. As mulheres de alta nobreza usavam tanto que, uma vez por ano, acontecia a festa dos Parasóis, uma procissão da fertilidade que era

representada na acrópolis, em Atenas. Em Roma as mulheres começaram a fazê-lo com papel oleoso para torná-lo impermeável. Tanto os guarda-chuvas de sol quanto os de chuva passaram a ser utilizados, em larga escala, na Europa do século 18. Os homens continuavam não usando porque era considerado um hábito afeminado. Mas foi o inglês Jonas Hanway que os tornou respeitáveis para o sexo forte. Ganhou tanto dinheiro vendendo guarda-chuvas para a Rússia e para o Extremo Oriente que se aposentou aos 38 anos para se dedicar a atividades filantrópicas. Em 1750, quando ele se aventurava pelas ruas de guarda-chuva a tiracolo, causava sensação. Mas quando morreu, em 1786, a Inglaterra inteira já tinha incorporado o hábito. Nessa época, os guarda-chuvas masculinos eram chamados de *The hanway*. (E.O.)



O teatro de Gerald Thomas (à esquerda) faz atores contracenarem com guarda-chuvas que ajudaram a celebrar filmes como Cantando na chuva, com Gene Kelly (em cima), e Mary Poppins, com Julie Andrews